

O filho do Impostor- Joe Mogar

Dickson apresenta-se no início como o típico ladrão que prefere trabalhar sozinho. No decorrer da história ele acaba se envolvendo com um gangster da pesada chamado Murdock, que tem um bando de safados trabalhando pra ele e que aperta o cerco em torno de Dickson até que este aceita fazer alguns trabalhos pra ele. Tem Mammie, uma mulher linda e de andar cadenciado, felino, que tenta envolvê-lo. Até que Dickson fica tentado, mas o coração dele começa a bater por outra... E no finalzinho do livro, duas surpresas: quem é Dickson na realidade e quem é Murdock.

Digitalização: Marina

Revisão: Lelê

Formatação: Marina

PRÓLOGO

O automóvel, um Bulck Sedan, modelo 58, pintado de negro, estava estacionado na calçada à direita da rua 20 em plena Manhattan Oeste. Hora: quatro e cinquenta da madrugada.

Dentro, apenas um homem com o chapéu abaixado sobre os olhos, contemplando os ponteiros do relógio luminoso do painel. Tinha um cigarro apagado na boca e não se atrevia a acendê-lo, apesar da vontade de fumar.

A imobilidade era aparente, já que junto ao freio, acelerador e embreagem, os pés se moviam nervosamente, parecendo acompanhar o tique-taque do relógio.

Os minutos passavam com desesperada lentidão para ele. Pouco mais de meia hora tinha se passado desde que parara o carro naquele lugar. Desde então, seus nervos passavam por uma dura prova.

O homem levantou a cabeça, afastando os olhos do relógio, a fim de examinar a esquina em frente. Começava a ficar impaciente. Aquele era o primeiro trabalho que fazia por ordem de Murdock, o homem que pagava mais que qualquer outro e sobre o qual ninguém sabia nada a respeito.

Nunca o vira, e, segundo ouvira dizer, ninguém o vira também, assim como também não conhecia os homens que o acompanhavam naquela noite, comprometidos na mesma tarefa.

Assim trabalhava Murdock e talvez por isso tinham conseguido agarrá-lo.

De repente, os olhos do homem brilharam em meio à escuridão reinante no interior do carro, enquanto soltava um profundo suspiro de alívio.



Eis que, dobrando a esquina, acabavam de aparecer quatro homens, de dois em dois, aproximando-se do carro com largas passadas. Colocou o motor em marcha e esperou que chegassem.

Não trocaram uma só palavra quando entraram no Buick. Apenas quando o carro arrancou o homem ao volante atreveu-se a romper o silêncio.

— Saiu tudo bem?

Um dos quatro deu uma risadinha.

— Como tudo de Murdock, Harris. Foi um trabalho bem feito, embora tivéssemos que derrubar o vigia. Mas não se preocupe, não foi coisa séria.

— Muito?

Os quatro homens ouviram a pergunta, mas fingiram ignorá-la. Bill Harxis, ao volante, mordeu os lábios e permaneceu calado, compreendendo a indiscrição que acabara de cometer.

Desviando-se do tráfego escasso e quase nulo, conduziu o Buick até a rua 52.

Estacionou no meio-fio, entre a Quinta e Sexta Avenidas e dois homens saltaram da traseira do carro, aproximando-se de um conversível vermelho com passos rápidos e elásticos.

Arrancaram imediatamente, perdendo-se pela Sexta Avenida enquanto Harris fazia o mesmo, dirigindo-se agora para Columbus Circle.

Uma vez lá, parou o carro em frente a uma cabine telefônica fechada. Os dois homens que ficaram com ele também desceram. Eles caminharam um quarteirão e depois subiram em um pequeno Austin cinzento.

Harris arrancou depressa, mas ainda teve tempo de ver' a direção que tomavam, coisa que pouco lhe importou, já que recebera sua parte.

Três mil dólares em notas pequenas. Pensando nisto, decidiu fazer a última parte do que fora programado para aquela noite.

Conduziu o Buick magistralmente por uns três quartos de hora e finalmente parou no fim de Madison Avenue. Desceu sem fechar as portas à chave, já que não a tinha, e afastou-se, andando pausadamente.

Desceu, puxou uma nota e quinze minutos mais tarde atingia a Rua 49.

Harris continuou caminhando por uns dois quarteirões, depois seguiu resolutamente para o Morris de dois lugares que deixara estacionado em frente ao número 7.008.

Entrou no carro e afastou-se na direção Oeste.

Todos do Departamento da Homicídios estavam em polvorosa naquela manhã. Em seu gabinete, a alta e forte figura do inspetor Don Murphy permanecia recostada numa grande poltrona forrada de couro vermelho escuro.

À sua frente estavam o Tenente Dick Jackson e o Sargento Ted Nolan, ambos pertencentes ao seu departamento, fitando-o com rostos sérios e impenetráveis.

Nenhum dos três falava.

Estavam pensando desde as seis da manhã, hora em que o telefone particular de Murphy tocara para anunciar-lhe que fora cometido o quinto roubo de joias daquele ano.

Era o que Murphy evocava naquele momento, lembrando-se de que pulara da cama rapidamente e fora para lá, a joalheria de Jeff Malçon & Irmãos, onde interrogara o vigia, o qual exibia um galo grande como um ovo de pomba no alto da cabeça.

Não conseguiu a menor pista com as declarações do homem. Quanto ao roubo, tinha as mesmas características do primeiro e dos demais. Total falta de indícios. Nem o mais leve

rastro dos ladrões que, por outro lado, naquela noite, podiam orgulhar-se de sua perícia e organização.

Repentinamente, Murphy sacudiu a cabeça, parecendo expulsar os pensamentos. Fitou os dois subordinados e disse:

— Não me espantarei se depois disso o FBI intervir. Jackson negou com a cabeça, antes de replicar:

— Não se pudermos provar que as joias não saíram do país.

— Mas sairão, disso não tenho dúvidas, Jackson. Pode ter certeza disso. Principalmente essas. Quase meio milhão de dólares em joias de fácil vendagem depois de desmontadas, sem que tenhamos a menor ideia de quem foi o autor da façanha. Prendemos vários suspeitos, inclusive dois "gangsters" que entraram no terceiro roubo, mas nenhum delas sabe de coisa alguma. Ninguém conhece o chefe supremo, o mandão. Conhecem apenas uma nota na qual ele indica o que devem fazer, até nos mínimos detalhes. Como vê, Jackson, nada sabemos. E o que é...

— Por que imagina que as joias sairão dos Estados Unidos? — perguntou Nolan, até então silencioso.

— É fácil deduzi-lo, Nolan. Como sabe, nós mandamos uma relação das joias roubadas aos prestamistas, casas de penhores e agiotas, isto é, a todos os lugares nos quais poderiam parar. Pois bem, até agora o resultado foi em vão. Por outro lado, o homem que se diz chamar Murdock conhece todos os nossos agentes. Esse é o fator principal do nosso fracasso.

— Um belo problema, Murphy, e de difícil solução. Um gesto desanimado desenhou-se nos lábios do outro.

— Sim — disse. — Não me espantaria se qualquer dia me pedissem que apresentasse minha demissão. Essa maldita imprensa... Como se não fosse o bastante o mau humor que reina aqui dentro.

— E o que podemos fazer?

A pergunta veio de Nolan. Depois veio a resposta e ao fim de um quarto de hora o trio começou a discutir. Quando a discussão parecia chegar ao seu ponto culminante, foi interrompida pela chegada de um policial que informou a Murphy que o chefe queria vê-lo.

O inspetor levantou-se da poltrona com um suspiro e caminhou até a porta. A voz de Jackson soou às suas costas:

— Boa sorte, Murphy.

— ??????????

Ô inspetor começou a andar pelo corredor, após fechar a porta às suas costas, pensando que precisava bastante dos votos formulados por Jackson.

CAPÍTULO I

O homem pagou a despesa e levantou-se. O "barman" agradeceu e fez-lhe uma esplêndida reverência provocada pela gorda gorjeta. Peter Dickson saiu da Bar Manhattan, caminhando sem pressa.

Dickson andava pelos vinte e oito anos. Era alto e forte como um carvalho. Os ombros largos e a cintura estreita, juntamente com os musculosos braços e pernas, bem como a cor da pele, eram devidos à prática de esportes ao ar livre e exercícios diversos.

O cabelo era castanho, olhos pardos, muito escuros, quase negros. Fronte ampla, nariz reto, boca um pouco grande, de lábios delgados e quase sempre franzidos numa careta entre humorista e divertida.

O queixo quadrado projetava-se à frente, desafiante. Sua pessoa era arrogante.

Vestia um paletó de cheviote de corte impecável, calças de vinco bem passado, cinzentas, sapatos negros e brilhantes, camisa branca e gravata colorida.

Talvez fosse essa a única nota dissonante no traje, já que o chapéu, colocado levemente sobre a orelha direita, era tão impecável quanto as brancas meias de seda e o resto da indumentária.

Uma vez na calçada, Dickson acendeu um cigarro e, em seguida, olhou para os dois lados. Sorriu e continuou andando tranquilamente com os olhos fixos nos automóveis estacionados no parque.

Seu destino parecia ser um Alfa-Romeo modelo esporte, fabricado naquele mesmo ano, 1961.

E era, pois Dickson parou junto dele, fitando-o furtivamente, enquanto não perdia de vista as pessoas que enchiam a calçada, procurando encontrar algum rosto conhecido que o impedisse de fazer o que tinha em mente. Algum conhecido... Ou a polícia.

Mas não havia. Pensando se a chave de contato estaria ou não no carro, Dickson agora caminhou diretamente para o conversível. Olhou para dentro. As chaves estavam no lugar.

Suspirou e depois experimentou a porta. Estava fechada à chave. Olhou as outras, penduradas no volante e lançou um olhar em torno. Finalmente, decidiu-se.

Rodeou o carro inteiramente, parando na porta contrária. Estendeu o braço e o molho de chaves ficou ao seu alcance. Apanhou-o, deu nova olhada em torno e então experimentou a primeira chave.

Teve sorte, pois a pequena fechadura cedeu e Dickson abriu a portinhola. Sentou-se ao volante, ligou e segundos depois o Alfa-Romeo entrava velozmente na Quinta Avenida. Atrás dele, um automóvel da Brigada Volante o seguia. Dentro, três agentes e Dun Collins, um mago do volante, a dirigi-lo.

Dun não sabia do que se tratava. Tampouco perguntou coisa alguma nem fez a mínima objeção quando o inspetor Murphy disse, repentinamente:

— Vamos, Dun, é aquele Alfa-Romeo.

Calou-se e agiu, já que para isso estava ali há algumas horas, quando recebera apenas uma ordem: a de estacionar ali e esperar.

Finalmente entrava em ação e agora começava a correr. '

Na frente, Dickson percebeu o carro da Brigada Volante pelo espelhinho retrovisor. Curvou os lábios num sorriso zombeteiro e pisou no acelerador até o fundo.

O Alfa deu um salto e atravessou o sinal vermelho como um raio e o furioso apitar do guarda de trânsito. Em seguida precisou usar os freios, torcendo o volante para a esquerda, a fim de evitar que um enorme caminhão se chocasse com ele. Depois, virou bruscamente para a direita, esquivando-se de um carro de turismo por um fio.

Dickson ouviu os gritos do chofer do outro carro e sorriu, enquanto a sirena da polícia começava a uivar às suas costas.

O trânsito afastou-se para os lados da rua e Dickson regozijou-se com isso. A Brigada Volante ajudava-o com a sirena.

Em seguida, pensou que talvez fossem agarrá-lo, mas, antes disso, dar-lhes-ia uma corrida da qual se lembrariam por muito tempo. Atrás dele, os olhos de Dun brilhavam ao

volante, repleto de admiração pelo homem que dirigia o Alfa Romeo. Estava pensando que não era apenas ele o único excelente chofer existente em Nova Iorque.

Admirou-se ainda mais quando viu o automóvel fugitivo dobrar a próxima esquina sem diminuir a velocidade, entre um incrível chiar de pneus e xingamentos dos pedestres.

Dun afundou ainda mais o pé no acelerador enquanto deixava a sirena soar, subindo na calçada para executar um retorno sobre duas rodas. Depois, endireitou o volante e o carro milagrosamente recuperou o equilíbrio.

Agora Dickson se dirigia para a estrada Oeste 23. Dun torceu a boca. Percebia que, se o fugitivo alcançasse a estrada, jamais conseguiria alcançá-lo caso não o agarrasse antes em Nova Iorque.

Mas tal não se deu. Dickson nunca chegou à estrada Oeste 23. Muito antes, a desgraça, sob a forma de um monstruoso caminhão, abateu-se sobre ele.

O pesado veículo apareceu inopinadamente em esquina das ruelas adjacentes e bloqueou-lhe a passagem, não lhe dando tempo de aplicar os freios. Em seguida, sem precisar abrir as portas, pulou e começou a correr para o parque em frente.

Dun, o inspetor Murphy e o Sargento Nolan também saltaram da viatura e correram atrás dele, apitando sem cessar.

Dickson alcançou os jardins e enfiou-se por eles. Era um bom corredor e confiava nas próprias pernas. Mas, segundo parecia, estava de pouca sorte nesse dia. De repente, dois policiais surgiram à sua direita, certamente atraídos pelos apitos que ainda não tinham cessado.

Viram-no e foram até ele, demonstrando um zelo exemplar em cumprir o dever. Dickson provou aos dois que também tinha zelo, mas para conseguir escapar. O primeiro que se aproximou foi jogado ao solo com o seco golpe que lhe foi desferido.

O outro se virou com mais prudência. Fez menção de sacar a arma contra Dickson, mas não conseguiu. Este lançou-se sobre ele, agarrou-lhe a mão armada com a direita e com a esquerda assestou-lhe um feroz soco no estômago.

O agente baqueou, dobrando-se em dois e caindo para diante. A esquerda de Dickson voltou à carga, endereçando-lhe outro golpe bestial e lançando-o como um saco sobre o companheiro.

Mas Dickson perdera muito tempo naquilo. Dun, o inspetor e o Sargento já estavam chegando. Estavam junto a ele; às suas costas, à direita e à esquerda apareciam novos policiais. Também pela frente Dickson avistou o brilho de automáticas.

Só então deixou cair os braços, desalentado.

— Está bem, eu me entrego — disse. — Mas portem-se bem comigo.

Segundos mais tarde, o inspetor Murphy, com um sorriso de satisfação, colocou-lhe as algemas. Em seguida, foi levado e, no dia seguinte, compareceu ao 5.º Distrito, frente a um aborrecido juiz.

- É verdade que tentou roubar um automóvel?

— Não, senhor juiz.

O magistrado examinou-o com as feições alteradas ante aquele sorriso de suficiência.

— Quer dizer então que o Alfa-Romeo era seu?

— Não. Pedi-o emprestado. Há muito quero comprar um e por isso apanhei-o. Queria saber se funcionava bem. Depois eu o devolveria.

Um longo silêncio seguiu-se à frase, apenas cortado pela respiração do inspetor Murphy, o qual não lhe tirava os olhos de cima.

Dickson fingia não perceber, mas não era verdade. Tinha certeza de que logo sairia dali, mediante uma fiança qualquer. Mas enganou-se redondamente.

— O nome que usa agora é o verdadeiro? Dickson sorriu com importância, com um canto da boca.

— A polícia que prove o contrário, senhor juiz.

— Perguntei-lhe se. . .

— Já ouvi. Sim, meu nome é esse. Alguma coisa mais sobre o automóvel?

O juiz preferiu ignorar a pergunta e continuou, por sua vez. Mas, quando Dickson mencionou a fiança, Murphy pediu licença para intervir, coisa que foi imediatamente concedida.

Entre os ouvintes havia vários jornalistas e curiosos, os quais, durante o curso das perguntas e respostas preliminares, exibiam o descontentamento no rosto, já que aquilo, segundo parecia, prometia algo sensacional, mas estava se desenrolando de forma aborrecida e monótona.

Mas, desde que o inspetor Murphy tomou a palavra, seus olhos começaram a reluzir e os lápis correram velozmente pelos papéis.

Com habilidade, Murphy deu a entender que o indivíduo que se sentava no banco era mais perigoso do que parecia à primeira vista, e que a polícia se mostrava contrária à concessão de fiança.

Deixou a semente da dúvida em todos que o ouviam, fazendo com que o juiz negasse a fiança naquele momento, concedendo uma semana de prazo a Murphy, a fim de que apresentasse provas do que dissera.

Dickson deixou o recinto algemado entre dois policiais, diretamente para as celas do Departamento da Homicídios do 5º Distrito, onde permaneceria até a convocação de nova entrevista.

Contudo, Dickson não ficou na cela por muito tempo. Nem mesmo naquela noite.

As primeiras notícias da fuga dele foram informadas pelo inspetor Murphy, às três da madrugada daquela mesma noite. Antes de se apresentar, telefonou e um dos guardas esclareceu que de nada suspeitara do outro guarda apresentado apenas como Joe, quando lhe comunicara que sairia por alguns momentos a fim de comprar fumo no estabelecimento localizado em frente ao Departamento.

Vendo que o outro demorava, assomou à rua. O estabelecimento estava fechado, logo, imaginou que o pretense Joe tinha se afastado um pouco, a fim de adquirir o fumo em outro lugar.

Meia hora mais tarde começou a ficar impaciente e deu o alarme. Joe não apareceu. Parecia ter sido engolido pela terra. Depois, muito tempo depois, foram ver como estava o preso. Ficaram espantados ao perceber quem estava na cela, amarrado com um cinturão, um lenço enfiado na boca à guisa de mordação, vestindo as roupas de Peter Dickson: era o carcereiro chamado Joe!

Murphy vestiu-se apressadamente e se apresentou ao Departamento de Homicídios. Interrogou demoradamente todo o pessoal, mas nada pôde deduzir. O homem chamado Peter Dickson tinha se evaporado como fumaça.

Murphy fez a única coisa que podia fazer. Irradiou suas características pessoais, acrescentando que fugira disfarçado de carcereiro. Depois foi para o escritório, onde conversou com Jackson e Nolan por mais ou menos duas horas.

Com o novo dia, a imprensa de Nova Iorque alardeou o assunto de tal forma, que a notícia da fuga quase milagrosa de um homem qualificado como perigoso por toda a Polícia Metropolitana chegou aos mais afastados recantos.

O caso das joias veio à tona novamente e, com isso, começou a surgir um monte de perguntas - incognitas... Jornais importantes indagavam se aquele Dickson não seria um dos dirigentes daquela bem organizada quadrilha, apenas uma peça a mais ou um mero ladrão de automóveis.

Dickson não apareceu. Durante duas semanas a polícia andou à procura dele pelos lugares mais incríveis, mas não encontrou nem a mais remota pista. Isso não era de se estranhar. Ninguém, nenhum dos jornais sensacionalistas conseguira publicar uma só fotografia dele. Não a tinham, já que não era fichado.

Que aquilo fora um erro do inspetor Murphy estava claro como água. Era o que devia ter feito quando o prendera, mas agora era tarde demais.

Dez dias depois ninguém mais parecia lembrar-se de Dickson e a espetacular corrida num Alfa Romeo roubado e da não menos espetacular fuga do Departamento de Homicídios do 5.º Distrito.

O roubo a uma das melhores joalherias da Quinta Avenida veio substituí-lo. Tanto a imprensa quanto o público, bem como a polícia, interessaram-se por ele, parecendo esquecer Dickson definitivamente.

Contudo, outras pessoas que não o esqueciam...

CAPÍTULO II

Um frio e irritante chuvisco caía sobre Nova Iorque há algumas horas. Portanto, nada havia de estranho na figura daquele homem que caminhava por uma ruela dos bairros extremos de Manhattan Oeste com o rosto coberto pelo chapéu e a lapela do abrigo completamente levantada.

O homem sabia para onde ia. Elaborara aquele plano há alguns dias e agora começava a pô-lo em prá-

tica. Podia ou não ser bem sucedido no que tentava, mas, segundo os próprios planos, o insucesso não entrava na história.

Caminhava um tanto curvado para frente, pelo centro da rua semiescura, suja e mal calçada, parecendo mergulhado em pensamentos, mas alerta com os cinco sentidos.

De vez em quando examinava os números das casas e volta e meia algum letreiro existente sobre as portas, sempre que havia algum poste para iluminá-los.

Finalmente, o homem parou. Pareceu vacilar um pouco, olhou para a direita e para a esquerda e então levou a mão à axila. A "Parabellum" alemã que guardava ali passou para o bolso do agasalho verde escuro com incrível velocidade.

Com a mão direita encostada à coronha, avançou para o portal escuro e malcheiroso.

Fitou o letreiro, agora mais de perto. Sim, era ali, naquela casa, no quinto andar. Entrou, soltando um suspiro. O edifício não tinha elevador e ele detestava escadas.

Tateando, chegou até ela e começou a subi-la pausadamente. Suspirou quando chegou ao primeiro pavimento e fez o mesmo ao chegar ao terceiro. A partir dali, começou a mover-se como um felino.

Os movimentos tornaram-se rápidos e em menos de três minutos atingiu o objetivo, a despeito da profunda escuridão reinante.

Parou num canto e procurou nos bolsos. Com o isqueiro na mão ficou à escuta, com o ouvido voltado para a escada. Nada, tudo em silêncio. Apenas o som monótono do gotejar nos telhados.

Não vacilou mais, certo de que ninguém o seguira até ali. Acendeu o isqueiro e procurou nas placas das portas. Logo apertou a cigarra de uma delas e ficou à espera.

Não demoraram muito a abrir. Ao fazê-lo, a luz proveniente do apartamento inundou-o e à escada. Apesar disso, o homem não pestanejou. Se o fizesse, seria apenas por causa da mulher de pé à sua frente,

— Boa noite — começou.

— O que procura aqui?

O desconhecido atirou o chapéu para atrás e os olhos negros da mulher examinaram as feições dele.

— Vi o letreiro lá embaixo e por isso subi.

A mulher não se afastava da porta, continuando a examiná-lo descaradamente, da cabeça aos pés.

Afinal pareceu gostar do aspecto do desconhecido e ele regozijou-se por não ter sido necessário puxar a mão direita do bolso do sobretudo.

— Entre — disse.

O homem obedeceu e ela fechou a porta. Em seguida, virou-se para fitá-lo, enquanto o desconhecido fazia o mesmo.

Frente a ele estava uma loura oxigenada, de olhos negros intensos e brilhantes. Alta, seios opulentos e pernas longas, as mais bem feitas que o homem já vira.

Tinha carnes firmes, boca vermelha e carnuda. Vestia um "negligée" de "nylon" transparente e um quimono caseiro por cima. Contudo, estava numa idade difícil.

A mais difícil para qualquer mulher, isto é, entre trinta a trinta e cinco anos.

Ela cortou os pensamentos do homem ao perguntar: — O que deseja?

— Lá embaixo há um letreiro dizendo que aluga quartos — sorriu, mas o sorriso parecia uma careta. — Quero um.

Ela tornou a fitá-lo dos pés à cabeça, enquanto ele estudava as belas pernas dela. A seguir, a mulher cravou os olhos de modo insistente na mão direita do desconhecido, ainda enfiada nas profundezas do bolso do sobretudo.

— De quem está fugindo, meu caro? — perguntou, de repente.

O desconhecido crispou o rosto numa careta e ela exibiu os dentinhos brancos e iguais num amplo sorriso.

— Uma pergunta direta demais, beleza — replicou com acento impessoal. — O que a faz pensar que estou fugindo de alguém?

A mulher riu alegremente, empinando-se sobre a ponta dos sapatos altos e estendendo os braços como uma gatinha preguiçosa.

Ao fazê-lo, procurou fazer com que o corpo roçasse o do homem, e, a seguir, tocou-lhe o rosto com as mãos, numa tentativa de enroscá-las no pescoço dele.

O desconhecido afastou-se rapidamente e ela riu de novo, agora ainda com mais alegria.

— Lamento não ser do seu agrado, querido — disse. Tornou a rir e acrescentou: — Por que não solta a artilharia e não conta tudo para a "Mammie"?

— É esse o seu nome?

— Não. Meu nome é Jana Tierrey, mas aqui todos me conhecem por "Mammie".

— E devem ser muitos, não?

Ela riu, segurando-o por um braço.

— Vamos, venha com "Mammie".

Levou-o até o "living". Sentou-se no sofá, estendendo as pernas em frente para o desconhecido sem o menor recato. Perguntou;

— E você, como se chama?

O homem não vacilou em responder:

— Jim Porter, beleza. Algo mais?

— Imagino que foi batizado há bem pouco tempo, não?

— Continua sendo indiscreta, beleza. Se não se calar, serei obrigado a beijá-la.

— Então continuarei falando. Alguma vez já lhe disseram que é um belo tipo de homem e que basta olhá-lo... Para que qualquer mulher perca a cabeça?

Não se pode dizer que a risada emitida pelo chamado Porter fosse alegre; pelo contrário.

— Bem, vai dar-me o quarto ou não?

— Talvez... — replicou ela. — Vamos, sente-se aqui e conte para "Mammie" o que você fez.

Ele continuou de pé, fitando-a com olhos brilhantes.

— Escute, beleza. Não posso ou não quero dizer-lhe nada. Você aluga quartos e eu quero um. Alugando-o ou não, minha história não interessa a ninguém. Certo? Por outro lado, aconselho-a a não procurar saber demais. Você não aguentaria.

À medida que falava, Porter aproximou-se dela e, enquanto o fazia, a mulher ia se recostando no encosto cheio de molejo do sofá.

Porter chegou junto dela. Olhou-a e estendeu a mão. "Mammie" nada fez para evitar que ele a segurasse pelo queixo. Tampouco afastou os lábios quando ele se inclinou sobre ela. Beijou-a e se afastou, alguns segundos antes que ela lhe passasse os braços pelo pescoço.

— Vai alugar o quarto para mim, "Mammie"?

— Ouça, querido — disse ela. — Não ando com muito boas relações com os "tiras", sabe? De vez em quando metem o nariz aqui e isso é bem aborrecido. Se você matou alguém, é melhor procurar outro lugar...

Ela foi interrompida pelo riso franco de Porter.

— Não, querida. Não é isso.. Qualquer dia desses eu lhe conto. E o quarto?

Ela fitou-o de modo especulativo. Depois mexeu a cabeça de um lado para outro, ficou de pé e movimentou-se com graça felina até ele. O "negligée" rosa de "nylon" cingia-se como uma luva às maravilhosas formas sob o tecido e foi a primeira vez em que Porter se viu obrigado a desviar os olhos dela para fixá-los em outro lugar mais de acordo com os propósitos ao entrar ali, e inteiramente contrários ao que desejava naquele instante.

— Vou arriscar-me, querido... Mas vou cobrar caro por ele, prevendo a hipótese de fecharem meu estabelecimento, já que, se isso acontecesse, "Mammie" demoraria pelo menos três meses para poder reabri-lo...

— Chega, "Mammie". Quanto?

— Dez dólares por dia. É muito, mas as circunstâncias são extraordinárias. . .

— Bico calado, menina, e pegue uma semana adiantado. Depois, se me interessar... Talvez fique mais um pouco.

Ela esticou a mão rapidamente, enquanto dirigia um olhar ávido para o grosso maço de notas que Porter carregava consigo.

— De passagem, pode interessar-se por mim, "Mammie". Você está muito só agora. Também precisa de um homem para o negócio, um sujeito forte como eu, por exemplo.

Algumas vezes é um hóspede que não gosta de pagar e... "Mammie" teria muito trabalho para consegui-lo, o que eu arranjaría facilmente.

— Vamos, beleza, mostre-me o quarto.

Ela começou a andar e Porter seguiu-a. Chegaram a um dos aposentos e "Mammie" entrou na frente, acendeu a luz e mostrou-o.

Era de reduzidas dimensões, mas estava limpo. Mobilado sem luxo, dava sensação de bem-estar. Porter relaxou os músculos, tirou o chapéu e jogou-o em cima da cama. Em seguida, o sobretudo foi parar no mesmo lugar. Depois, virou-se para "Mammie".

A mulher fechara a porta e recostara-se nela, espreguiçando-se sem o menor pudor, obrigando a leve transparência do "nylon" a distender-se sobre a forma ousada do busto alto e empinado.

Porter aproximou-se, olhos fixos nas brilhantes pupilas da mulher.

— Tem muitos hóspedes agora, "Mammie"? — perguntou.

Ela parou de ronronar para replicar, sem que os olhos perdessem o brilho, fazendo com que Porter julgasse verdadeira a primeira impressão.

Sim, "Mammie" estava atravessando uma idade difícil. . .

— Não, apenas três. Dois homens e uma mulher. Uma jovem de vinte anos mais ou menos. Muito simpática e com um corpo que corta o fôlego. Estou de olho nela.

— Por quê?

"Mammie" encolheu os ombros.

■— Não sei, mas parece ser de classe diferente da nossa. Sabe, a presença dela nesta casa me deixa com a pulga atrás da orelha. Também não sei onde trabalha nem quais são seus meios de vida.

— E dos outros sim, não?

Ela riu, jogando a cabeça para trás, exibindo uma nítida garganta aos olhos de Porter, que fez o máximo esforço para se controlar.

— Claro que sim, querido. Mas isso não deve preocupá-lo... São pessoas de confiança. Assim como "Mammie".

— Gostaria de saber até que ponto.

Ela arqueou as sobrancelhas, formando um arco perfeito. Bateu com as longas e sedosas pestanas e caminhou para ele, meneando o corpo malignamente.

— Desconfia de "Mammie"? Jura?

Porter ia responder, mas não pôde. "Mammie" agiu antes, enlaçando-o pelo pescoço com os braços bem torneados. Apertou-se contra ele e beijou-o.

As dúvidas de Porter derreteram-se como a neve sob o calor. Apertou-a pela cintura e correspondeu longamente à carícia. Depois, afastou-a e conduziu-a até a porta.

CAPÍTULO III

Segurando-a pela cintura, abriu a porta e colocou-a fora do quarto. Fitou-a longamente, antes de dizer:

— Porte-se bem, querida — disse. — Porte-se bem para evitar complicações.

Com os olhos brilhantes, ela começou a ajeitar o cabelo em desordem.

— Portei-me bem, querido — disse. — Não acredito que te...

Calou-se, quando Porter fazia meia volta e, sem deixá-la terminar, fechou a porta e apagou a luz em seguida. Do lado de fora, "Mammie" ainda ficou por alguns minutos fitando a madeira da porta com os olhos brilhando de modo estranho.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

